



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

29 de Janeiro de 2000 • Ano LVI - N.º 1458
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. (255) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

África

DEPOIS de cinco abordagens, com vontade de que constituíssem uma unidade, sobre o **Manifesto para a paz em Angola** — documento expressivo do pensar e do sentir de muitos angolanos conscientes que não fazem parte dos dois blocos beligerantes que se arrogam e parece terem toda a representatividade de Angola diante do mundo — quero hoje falar da Igreja, do papel que tem desempenhado e julgo caber-lhe no processo para a paz e na elaboração do «projecto da Nação Angolana».

Desde os tempos eufóricos da independência e exacerbados de marxismo-leninismo que nunca vestiu porque não serve no ser deste Povo, a Igreja foi sempre a fonte do equilíbrio possível, a frente de resistência a tanta acção contra-natura de que o Povo foi vítima.

Quando, em Julho passado, cheguei a Malanje, depois da flagelação dos bombardeamentos que provocaram a deserção dos mais altos responsáveis civis e também das ONG's que asseguravam os apoios humanitários, ficou com o Povo que não tem forças nem lugar para onde fugir, a Igreja, nas pessoas do Bispo, do seu pequeno presbitério, das religiosas, que são ali pedra fundamental, e da Cáritas.

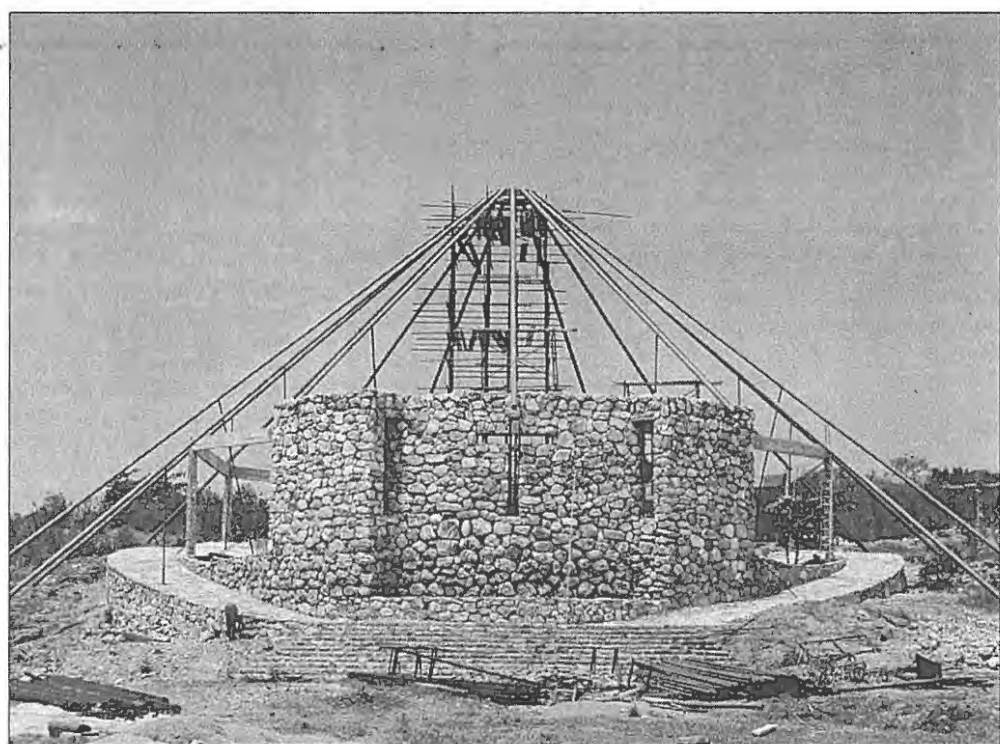
Esta postura de comunhão com o Povo martirizado constitui a força da Igreja e alicerce o seu prestígio e a torna a exclusiva referência de confiança. Depois, com o amainar das acções bélicas, com o crescer da

fome, mais mortífera e temida do que as bombas, deu-se o regresso dos auxílios humanitários e, neste momento, a situação é menos cruel. Mas nada de substancial mudou. É que — não pode esquecer-se! — «o calar das armas não significa o fim da guerra» que durará enquanto «as consciências angolanas, sobretudo as dos políticos, estão mais armadas do que os exércitos que dirigem».

É aqui, no campo das consciências a formar — por excelência o campo da Igreja, Mãe e Mestra — que Ela tem de pôr a sua prioridade. Não bastam as repetidas Mensagens Pastorais dos Bispos de Angola, plenas de razão e de boa vontade, mas que os poderes em guerra não recebem.

Não irá longe o Movimento pro Pace criado pela Conferência Episcopal e «destinado a promover a reconciliação dos Angolanos, difundindo entre eles os valores da paz, a cultura da paz, a busca leal de gestos e caminhos para a paz». Parece-me tratar-se de um empreendimento piedoso mas idealista que irá, sim, fortalecer a sensibilidade dos já sensibilizados, mas não penetrará na armadura dos detentores do poder, seja de que lado for dos em contenda, nem atingirá tanto quanto é urgente o Povo simples, a multidão dos inocentes mais sacrificados que, com certeza, anseiam pela paz, mas não conhecem nem têm ao alcance os meios de luta para a imporem aos detentores do poder.

Continua na página 3



Estado actual da Capela de Maputo (Moçambique).

Benguela

Faltam médicos

NÃO tivemos problemas anormais na época de Natal. Houve o necessário para nós e para aqueles que estão e vieram ter connosco. Houve sossego a nível exterior, também.

Ontem, sábado, morreu e foi a enterrar um pequeno nosso — o Edilson. Tinha doze anos. Terça-feira foi à praia. Veio e queixou-se da barriga. Fez análises, tendo acusado paludismo. Tratámo-lo. Afinal, não era só paludismo. Levado de urgência ao hospital, foi diagnosticada uma oclusão intestinal. Operado por um cirurgião vietnamita (não há outro), na sexta-feira, de manhã, veio a falecer às três da madrugada, de sábado. É uma operação de certo modo delicada, em qualquer

parte, mas, aqui, é quase sempre fatal. Não tínhamos outra solução, dado que quase tudo foi repentino. Há um mês foi um seminarista com a mesma doença. A seguir, uma mulher. Desta vez, o Edilson. O Pai do Céu tem-no consigo, assim cremos.

Desde 1996 tem-nos morrido um, quase em cada ano. Desta vez, foi no início do ano 2000. Tem havido muito paludismo e febre tifóide. Não tem faltado assistência. Faltam médicos experientes. Os políticos têm outras preocupações. Tivemos que levar absolutamente tudo para a operação: fio, bisturi, tubos, sangue, etc. Isto é o menos. Se o pudéssemos salvar... O povo morre à toa porque não tem nada para comprar este material. Por isso, nem

aparece ao hospital. Que significa de importante, para esta gente, o ano 2000, se não lhe dermos significado com sinais visíveis? É tudo relativo. Que o Senhor nos perdoe o que não fazemos e devemos fazer.

Mais um cabouqueiro

O começo de qualquer edifício humano, com garantias de segurança, está na cabeça e no coração. É a base. É o alicerce. Foi assim que Pai Américo começou a Obra da Rua. É assim, agora, o início da Obra destinada a ser grande.

Há dias, antes de findar o ano, esteve, no meio de nós, um Padre de diocese vizinha. Anda metido em trabalhos com meninos, vulgarmente chamados «em situação difícil». Está no princípio e quer saber um pouco da experiência da Casa do Gaiato. Fiquei muito contente. Primeiro, porque é mais um cabou-

queiro num terreno tão precioso de obreiros. Depois, porque é um Padre angolano a pensar a sério num problema actual e urgente, como é o da criança abandonada.

Conversámos muito, no pouco tempo disponível. Duma vez, sentado à mesa, no mesmo refeitório dos 140 rapazes, saboreando a mesma comida deles, misturada com o barulho deles, tem este desabafo: — *É bonito! Não pensava que fosse assim!* E pergunta, de seguida, como foi a origem da Obra da Rua. Fui respondendo, conforme sabia: Pai Américo saiu da sacristia e meteu-se na rua; encontrou-se com os Pobres das barracas e os filhos deles; deixou-se queimar por uma grande inquietação ateadada pelo Espírito do Senhor; não descansou enquanto não encontrou resposta. A Obra nasce no coração e na mente, até ver a luz do dia. O primeiro alicerce estava lançado. O outro, o das pedras, veio depois. Disse ao sacerdote que fizesse assim, também. A base segura, com garantias de futuro, está aí. Faça um acto de Fé!

Começar pela base

VOLTO ao princípio. É pela base que devemos começar. É na raiz que devemos aplicar o remédio para os males sociais. Tanto quanto sabemos e somos capazes, vamos por esse

Continua na página 3

Setúbal

NO ritual do beijo ao menino, no fim da Missa de Natal, há muito que deixámos a imagem de barro no presépio, sossegadinho, e pusemos no altar, amparado por dois rapazes mais velhos, um dos nossos pequeninos. Eles são a imagem de Deus — diz a Bíblia. Actualizam a presença física de Jesus: — *O que fizeste a um destes mais pequeninos a Mim mesmo o fizeste!* Para quê, então, acariciar a escultura?!... Se Ele é criança connosco amimemo-Lo a Ele!...

O rito torna-se vivo, emocionante, evangélico. Transforma-se numa autêntica celebração reconfortante e comprometedora!

Quando, há tempos, na mesa, explicava a um casal católico que me solicitava a abertura da Casa a um grupo de 40 jovens para contacto connosco, que vivíamos da Providência, fui surpreendido com a pergunta: — *Mas isso ainda funciona?! Reagi instintivamente com disfarçada indignação: — Isso é uma blasfémia!*

Como se o «*olhai os lírios do campo e as aves do Céu...*» fosse poesia abstrata!...

A Providência Divina em Quem somos, por Sua acção, obrigados a acreditar é uma força que não actua sem nós, mas nos compromete na fidelidade. Quem quer ver, tem de experimentar. E só quem experimenta acredita.

Nós damos testemunho de alguma coisa do muito que o Natal nos trouxe.

Festas: os rapazes participaram em três e uma fizemo-la nós. Brinquedos, foram demais e, por isso, talvez os pequenos estragaram muitos à cata de pilhas para eles próprios fabricarem outros ao gosto da própria traquinice. Roupas também, embora viessem algumas que nos fazem jeito: lençóis, toalhas, meias, roupa interior, almofadas, etc.

Material didáctico e de higiene foi o que recomendamos a quem teve o bom senso de nos perguntar o que era mais necessário.

Pobres, foram multidões diariamente com quem distribuimos conforme as suas necessidades e a nossa

Continua na página 2

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

CONTAS DE 1999 — Com a publicação das Contas, já enviadas ao órgão responsável da Sociedade de S. Vicente de Paulo, cumprimos, deste modo, um dever moral que nos assiste.

Recebemos mais de seis mil contos dos nossos Leitores, *donativos* sempre acompanhados duma palavrinha amiga, muito respeito pelos Pobres, e estímulos para a nossa acção. Aliás, não temos outra receita. Expressamos a todos o nosso bem-haja.

Em contrapartida, no capítulo da *despesa*, distribuímos, com discreção, novecentos e cinquenta e um contos por muitos carenciados, no próprio domicílio. Valores entregues, regularmente, a quem sofre — e de que maneira! — as agruras da vida!

Os Pobres levantaram a *farmácia* com o receituário, e as requisições dos vicentinos, remédios da ordem dos quatrocentos e sessenta e três contos, aliviando dores ou curando o mal dos que sofrem. A pensão de reforma, destes, não dá para viverem com dignidade, quanto mais para medicamentos. Por exemplo, o caso de um paraplégico (com receitas de vinte contos...). E outros ou outras doentes!

No *Património dos Pobres* investimos mil e seiscentos contos na reparação e conservação de cinco moradias. Foram equipadas com quartos de banho adequados. E, um ou outro, também, com água quente. Foi aqui, nesta terra, que Pai Américo lançou, em 1951, o movimento que *abandonou* o País. Acabámos de ouvir uma viúva que sempre aspirou ter uma casinha pobre, mas

com os pertences necessários. É mulher de trabalho. Como ela ri e chora de alegria por tudo quanto lhe *demos!* — *Agora é que estou bem, graças à Senhor...!*

Que dizer dos *pequenos auxílios* que entregámos aos *Autoconstrutores* para a telha de suas casas? — seiscentos e quarenta contos! Famílias que sofrem tanto para ultimarem as obras. E em cujos lares o pão é louvado ao Senhor da Messe — suado e bem poupado. Verdadeiros heróis!

Somos também responsáveis pelo *aluguer de casas* ocupadas por duas mulheres e respectivos agregados familiares, cujos maridos abandonaram o lar, tendo os filhos sofrido tanto com a separação! Os nossos Leitores abriram logo as mãos. Pagámos duzentos e sessenta e um contos, durante o ano.

Auxiliámos um trabalhador carenciado, inscrito na Segurança Social, com noventa e sete contos.

Finalmente, partilhámos quatrocentos e trinta e nove contos com outros vicentinos(as) que não teriam possibilidade de resolverem problemas graves de Pobres que topam no caminho. E mais trezentos, destinados a órgãos da Sociedade de S. Vicente de Paulo e por algumas das suas obras especializadas.

Damos graças a Deus!

PARTILHA — Uma remessa da assinante 31104, de Lisboa: «Deixo ao vosso critério a sua aplicação. Desde que vá suavizar a situação difícil de alguém, já é, para mim, muito consolador. Tem sido ameaçada pouco a pouco, mas com devoção». Santiago do Cacém: 3.500\$00, «pequena oferta de Lourdes». Outra remessa, habitual, do assinante 9790, de Perosinho (Gaia), «perorando uma oração pelas vítimas da guerra e da fome». Dez mil, de Santa

Cruz do Douro, com a amizade de sempre. Vila Nova de Gaia: a assinante 68009 lembra os nossos Pobres e acrescenta que, na próxima oportunidade, virá, até cá, «com os netos e os bisnetos». Bendito seja Deus!

Avança: assinante 44314 põe a assinatura d'O GAIATO em dia e divide o resto pelos mais carenciados. Outra vez, de Avança: um cheque repartido pela assinante 23312, acentuando que «é sempre com interesse e carinho que leio o Famoso, cuja leitura nos enriquece, e mostra as realidades da vida com tanta simplicidade e um estilo tão próprio e rico!». Almada: assinante 13740, enamorada d'O GAIATO, lembra os mais pobres. Do Entroncamento, um cheque da assinante 30083, sublinhando que «não é necessário agradecer». Remanescente de contas, pela mão da assinante 17001, do Porto. Constantim (Vila Real): o assinante 17380 seguindo o caminho de Francisco de Assis, distribui por quem precisa.

«Avó dos cinco netinhos», de Setúbal, com oito mil, afirma que, «desta vez, é um pouco mais». Torres Vedras: «o contributo da assinante 26697 para ajuda da farmácia dos Pobres». Cinco mil, de Coimbra, pela mão da assinante 66345. Gondomar: o assinante 8061 com «uma palavra de incentivo pelo que estão fazendo — na esteira de Pai Américo — nesta sociedade em que vivemos, que parece cada vez mais egoísta e desumanizada». O vale de correio, de «uma portuense qualquer», sempre escondida em sua humildade. Mil, de Guimarães, do assinante 66269. Alcábalde: um resto de contas, da assinante 59196. Idem, de um leitor de Tondela. O mesmo, da assinante 20623, de Vila Nova de Gaia, «pequena contribuição para a vossa Conferência e um bem haja pelo bem que

me fazem com a leitura do Famoso». Outra vez, idem, da assinante 68556, de Vialonga, «por me lembrarem que há quem precise mais do que eu». Fecha a procissão a assinante 14047, de Amora.

Retribuímos, uma vez mais, os votos de santo Natal e Ano Novo.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— «Ao entrarmos no Ano Jubilar vem-nos à mente um sentimento estranho e contraditório de alegria e desilusão, mas também de esperança sempre que pensamos na palavra Jubileu, que lhe deu origem.

Alegria, porque o próprio termo evoca uma situação de júbilo, de contentamento, mesmo de uma certa euforia, pois não é todos os anos que se comemora um duplo Jubileu, sobretudo com esta intensidade: a história vira de página no século e no milénio.

Desilusão, porque a mesma palavra dá origem a uma outra situação, a de jubilado, que significa também reformado, ou arrumado das suas ocupações, ainda que de lente universitário... ou de qualquer outra profissão.

É este o duplo sentido da palavra Jubileu que, se não lhe prestarmos a justa e devida atenção, pode ser esvaziada de todas as suas exigências e implicações sociais, morais e económicas para bem do indivíduo e da família e até da sociedade em geral.

Será que para nós, cristãos, tudo não passará de uma sim-

ples data ou do final de uma etapa que nos fará perceber apenas que estamos mais velhos e que mais tarde ou mais cedo, também nós põem de lado, tal como nós próprios, deixamos de lado o seu verdadeiro significado?

Esperança, que vamos fazer de diferente, mas para melhor, neste duplo Ano Jubilar para que não sejamos vítimas da desilusão, mas protagonistas da esperança, por termos chegado a mais este novo e tão desejado ano bimilenário?

A intenção é recta, daí que a resposta não se faça esperar.

— Viveremos o ano 2000 com amor e gratuidade e todos havemos de sentir muita, muita felicidade!»

Esta mensagem está escrita no *Almanaque da Família e para a Família*. Não sabemos quem assina, mas achámo-la muito linda e decidimos transcrevê-la.

Vamos meditar e trabalhar para que tenhamos uma vida mais saudável enquanto andamos na face da Terra.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE

— Joaquim, cheque pedindo pelo pai e padrinho. JRD, 2.000\$00. M. Fátima, pela alma dos seus familiares. Manuel Silva, 5.000\$00. Anónimo, de Lanhares, cheque com um abraço e muito ânimo para o nosso trabalho. Assinante 8047, 3.000\$00. Cheque de M. Margarida. Amigo, da Figueira da Foz, com um cheque — que Deus o ajude, que nunca será esquecido em nossas orações.

Bem hajam os nossos Amigos e o Senhor vos guarde em Seu coração.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Casal vicentino

PAÇO DE SOUSA

GADO — Os nossos irmãos, da Casa do Gaiato de Setúbal, ofereceram duas vacas e dois bois. Vieram trazer a oferta, aqui, a Paço de Sousa. A verdade é esta: darão uns bons bifes! Agradecemos a vossa amizade.

«BUG» — Em vez de aconter nos computadores, foi em nossos rapazes: alguns tomaram a iniciativa de irem embora; nós dizemos — *fugiram*.

Temos pena, e não sabemos o que será, amanhã, a vida de cada um deles.

EXCURSÕES — Nas férias do segundo período escolar, recebemos muitos estudantes.

Ficámos contentes com as suas visitas, pois, assim, conheceram melhor a nossa Obra.

ÁRVORES — O Neca, e seus rapazes, plantaram árvores de fruto à volta do pomar e noutros locais. Oportunamente, teremos mais fruta.

FESTAS — Recomeçámos os ensaios. E, em Março e Abril, realizaremos festas fora de portas.

Quem tiver pinturas, roupas, bonés... de teatro, sem utilidade, poderia ter a bondade de no-los oferecer. Obrigado.

MÚSICA — Recomeçaram, também, as aulas de música, em Paredes e no Porto.

Entretanto, já nos ofereceram um trompete, flautas e pandeiretas. Mas temos ainda falta de outros instrumentos, violas, por exemplo. Por fim, comprámos um conjunto de luz e uma guitarra.

«Melão»

Setúbal

Continuação da página 1

abundância. Doces, foram montanhas. Congelámos e partilhámos muito bolo-rei.

O *Intermarché*, de Almada, deu-nos centenas de bolo-rei e mais de cem perús depenados e prontos, além de iogurtes e sobremesas. A Pastelaria Bambú, de Setúbal, e a Nossa Senhora de Fátima, de Corroios, foram campeãs; e muitas outras se lhes associaram.

A paróquia, de Setúbal, na sua costumada peregrinação natalícia, deixou 230.600\$00. Marateca, 40 contos. Gente de Montijo, nas mãos de devotas da Casa do Gaiato, 510.500\$00. Quinta do Conde, 105 contos. Convivas de Corroios, 40.

Amigos, de Vila Fresca de Azeitão, 22.500\$00. Amora, 75.425\$00. *The Greater Lisbon Chaplancy*, 34.000\$00.

Trabalhadores da Segurança Social, 52.300\$00 e muitas prendas aos distribuidores d'O GAIATO. Especialmente nos agrada o apreço destas pessoas, pela sua actividade profissional. Nós também nos empenhamos na mesma tarefa, embora de modo diferente.

Trabalhadores da Secil, 225.500\$00; da Portucel, 282.000\$00; P.P.G., de Palmela, 141.045\$00.

Algumas empresas também se apresentaram: Navigomes, 450 contos. J.J. Torcato, 25. Tomaz de Oliveira, L.da, cinquenta. Nenio Hiross, mil. Nurik, 250. O mesmo, de Cul-

tagri, L.da, do Montijo. Setubauto, 20. Motosserra, 40. Farmácia Teles, cem. Pissarra & Couteiras, vinte. Mendes Gonçalves & Filhos, da Golegã, cinquenta várias vezes, e Vinagre todo o ano. Makro, pelo Governo Civil de Lisboa, 500. Soonda, 300. Sonipo, 600.

Cumprimento de promessas: 200 e 10.000. Lima Neto & Associados, L.da, 300.

Cinco, de Maria Antónia, Aurélia, Ivone, João Adelino, Lurdes, Margarida, Alice, António, Maria Fátima, Cândido, Nuno Andretta, Manuel, Zita, Maria Benedita, Guadalupe, Joaquina, Ana Cristina, Domicília, Cândida, Hortense, José, Emília, Joaquim, Maria Amélia, Fernando, Aníbal, Álvaro, Alfredo, Idalina, José Manuel, Maria Antonieta, Maria José, Maria do Rosário, Maria Nunes.

Todos os meses: Olímpia, Gertrudes, Purificação, Laura, Rui, Fernando Martins.

Várias vezes ao ano: Idália, Adelina, Carminda. Um, dois, dois e meio e três contos de muitos Amigos. Também quatro, seis e sete e meio de outros.

Dez, de Maria Joaquina, Viriato, M.M. do Porto todos os meses depositados na C.G.D. Maria Antonina, António Parreira, Palmira, Germana, Maria Preciosa, Maria de Lurdes, Alcide, Maria Antonieta, Maria Luísa, José Lucas, várias vezes ao ano, Luísa Maria, Olga, Virgínia. Do Seixal: Rui, Armindo, João Carlos, Manuel, José Luís, Ana Maria, Maria Júlia, Cristina todos os meses; Maria Paulina, Odete, Maria da Conceição, Jorge Manuel, Luísa Maria, Mariana, Maria José.

Vinte, de Maria Pureza, da Maria Luísa, Maria Augusta, Vitória, Acácio, Joaquina, duma trabalhadora desta Casa. Os que aqui trabalham a vida toda são quem mais nos aprecia. Amélia, Manuel Fernando, Maria Teresa, Irisalda, Maria Amália, Armando Nunes, todos os meses; Maria

José, Nazaré, Rosa Adelaide, Maria Idalina e Maria Helena.

Vinte e cinco, de José Nogueira, Francisco Manuel, Victor Manuel, algumas vezes no ano. Maria Carlota, Maria Filomena, Rui, José Mosca, Centro Pai Nosso — do Pinhal Novo — Jorge.

Quinze, de Armando Marques, Maria de Fátima, Salpique, pais do José Miguel, Maria Oliveira, Maria Zulmira, Custódio, Anabela, Laura, Maria Teresa, Álvaro.

Trinta, de Maria Madalena, da Sãozinha, Ângelo, Maria Palmira, Baltazar, Teresa, Maria Adelina, Ofélia, várias vezes no ano, e Maria Telma.

Quarenta, da Elvira, Lucília, Palmira e Manuel.

Cinquenta, do Victor, Carlos Manuel, Carlos Filipe, Rogério, Paulo Manuel, Alfredo, Frederico, Maria Nilze, Mário, Maria Dulce, Armando, Isabel, Alcide, Sérgio, Victor, e da Joana.

Oitenta, do Secretariado Diocesano de Setúbal, do M.C.C. Mais 25 contos, Eda Maria José, também 80. Setenta e cinco, de António Vasco.

Cem contos, do António Miguel, Paulo Jorge, Maria Beatriz, Jorge Manuel, José Miguel, José Eduardo, Saúl, Maria Eduarda, Helioprojecto, Maria Teresa. Cabanas Vilas C. Imobiliária. Cento e cinquenta, de Rosa Pires, Luís Gonzaga, José Carlos, António José, José Maria, Maria Helena e Júlia.

Duzentos, do Clube Nórdico de Cascais, Carlos, António, Valentim, José Fernando. Duzentos e cinquenta, do José Miguel e de um Prémio do Governo Civil. Trezentos, da Maria Manuela. Quinhentos, de Lomelino, 750 do João.

Uma senhora, Mãe, para o Lar de Setúbal, é que não veio. Pode ser que esteja a chocar. O Espírito de Deus não é repentino. Rezemos.

Padre Acílio



Casa do Gaiato de Benguela: Aqui há paz!

Benguela

Continuação da página 1

caminho. A nossa escola é princípio de cura para alguns males. Muitas crianças estão fora do circuito escolar, por falta de documentos. Não estão registadas, por exemplo. Um registo custa dinheiro que não têm. Normalmente, são as mulheres que se ocupam destes assuntos, que os homens, em grande parte, desaparecem para voltarem quando chega o tempo de gerar um novo filho e desaparecem, de seguida. São heroínas estas mulheres! Levam sozinhas a carga dos filhos e a sua educação. É um estádio da vida que há-de mudar, com certeza. É, também, um problema de educação. Por isso, ao abrir as portas da nossa escola aos filhos e filhas destas mulheres, estamos a atingir um dos males na raiz. Antes de subir as escadas para o escri-

tório onde escrevo estas notas, fui assaltado por uma mulher com três crianças. Vão frequentar a nossa escola, mas não têm registo. Amanhã, vamos registá-las, ficou dito. Tenho falado, muitas vezes, porque o sinto, porque é fácil dar mais felicidade ao povo. Dar felicidade no sentido de o elevar pelos degraus da dignidade, dando-lhe condições mínimas. Alguns podem não aproveitar as oportunidades, mas a maioria quer subir. Tenho o exemplo destas mães, ainda jovens, vindas do interior, acoissadas pela guerra. Querem a escola para os seus filhos. Tomam a iniciativa. É bonito. Então, demos-lhes condições. E ficam tão contentes, tão contentes com a resposta afirmativa, como se lhes puséssemos um tesouro nas mãos! Vede como o dinheiro, posto ao serviço do bem comum, ganha um valor acres-

centado que não tem conta nem medida! São estes os nossos projectos, à medida da gente que servimos. São pequeninos. São humildes.

Somos palavra nova

A propósito, para terminar: Fomos Aprocuados por alguém muito importante no mundo do petróleo. Esse mundo quer ajudar-nos. Fizemos dois projectos: um para o infantário e outro para o campo desportivo polivalente. Pedimos ajuda, não pedimos tudo, como é nosso costume. Soube, algum tempo depois, por um interdiário, que os nossos projectos eram «muito humildes». Que devíamos pedir muito mais. Que a pessoa amiga havia de vir falar comigo pessoalmente e dizer-me como fazer. Fiquei feliz com a apreciação feita. Somos palavra nova. Não sei se aprenderei muito mais com a palavra do mestre amigo que prometeu vir. Aguardo, desde já, agradecido.

Padre Manuel António

Noite de paixão

Naquela noite de paixão
Eu gostei tanto!... e tu também...!
Quero voltar, Amor,
A sentir seu coração
Bater com seu sabor a virgem.

Por isso quero, mais uma vez, Amor,
O seu calor sentir.
Quero voltar a fazer você sorrir
E fruir de novo o seu odor.

Vem fazer que eu sinta
A presença do seu amor na minha alma.
Vem tornar a fazer amor,
Seja onde for, com talento e calma.

Do nosso amor quero obter um parto
Pelo qual damos a vida e eu a reparto
Por todos os que no mundo a vão perder
Neste dia dominado pelo poder.

Poder de armas cuspidoras de fogo
Que atentam contra todo o ser humano
E fazem da vida e morte um jogo
Sem sentido, sem regra, sem plano.

Orlando

África

Continuação da página 1

Julgo que é ao nível deste Povo, nas comunidades locais, que o Evangelho da Verdade e da Justiça tem de ser pregado, dando-lhe, antes de mais, o pão que os habilite a escutar e acolher a doutrina sublime; e não podendo imediatamente mitigar tanto quanto o necessário os seus estômagos vazios, os ajude a crescer na consciência dos seus direitos à exigência desse pão, possível logo que haja condições de paz e estabilidade — e as reclamem. Este Povo é sofredor e demasiado passivo. Urge que «tome consciência do processo de destruição de que está a ser alvo e assuma a responsabilidade de reclamar a paz»; e se una e constitua base para aqueles seus compatriotas mais preparados, que elaboraram o citado Manifesto e estão deliberados «a agir persistentemente, de modo pací-

fico, corajoso e concertado no resgate do tesouro que o Povo mais anseia e merece: a Paz pela via do diálogo».

Não tenho dúvidas de que a Igreja possa ter um papel único em eficácia no acordar da consciência do Povo que o levará a tomar parte activa no processo da Paz. Será necessário que também Ela assuma esta consciência. E, sem deixar tudo o que de positivo e de válido tem feito ao longo destas dezenas de anos, enverede por uma acção mais profética: a começar, por exemplo, por uma peregrinação colectiva do Episcopado às portas do Futuro de Belas, já que ao de Savimbi não é tão fácil por se não saber se o tem e onde será...; e continuada em catequização prioritária aos seus membros, Povo de Deus que lhe está confiado, sobre os seus direitos e deveres cívicos.

Padre Carlos

DOCTRINA

Senhor do Céu,
que eu caminhe sempre
por vias ásperas
e de alma alanceada
pela sorte dos meus Irmãos.



EM um beco de certa cidade fui, há dias, rodeado por mãos estendidas de quem deseja contar a sua história. O Pobre, como o Doente, gosta de fazer suas queixas. Escutei; é dever do meu estado. Das janelas, olha-se. Às portas, fala-se. Gente que vai levada, queda — formigueiro em alvoroço. Ao retirar-me do grupo, ouço dizer: — Este é que havia de ser o padre santo!

O nosso povo é exuberante em associações de ideias. A verdade nasce-lhe dentro. Compreende. Sabe extremar. Tem saudades dos tempos em que «os sacerdotes eram de ouro e os cálices de pau». A canonização do povo não leva à glória dos altares, sim, mas é relâmpago inspirado; a voz dele é voz de Deus. Se Jesus de Nazaré fosse de canonizar, tê-lo-ia sido pelo povo no «bendito seja o ventre que Te trouxe mais os peitos que Te amamentaram». Abnegação, generosidade, tino, nome, palavra — brilhantes por lapidar dentro da alma do povo!

AQUELA Viúva que um dia me topou sozinho com um menino ao colo, oferece-se num instante: — Dê cá. — Ó mulher, você tem sete e um de peito! — Mas tenho dois peitos, senhor. Se fora contigo, talvez te não oferecesses, tantas são as camas em tua casa que ficavas sem saber em qual delas havias de deitar o menino — a confusão da abundância. Se damos à criança uma data de brinquedos para escolher, fica indecisa, confundida, não sabe determinar-se, sente-se infeliz. Dá-lhe um brinquedo... Exulta. Se procura o pão-de-cada-dia e com isso te contentas, és feliz; de outra sorte, és e fazes os mais desgraçados.

ELE houve tempo em que o Povo e a Nobreza andavam de mãos dadas. A distância era reverência. O senhor era pai dos pobres e amigo do Povo; era o fiel despenseiro das suas terras e dos seus bens. Muita riqueza e pouca nobreza... A distância é revolta.

ORA escuta: Aqui há tempos fui convidado para assistir a uma distribuição solene. Primeiro erro. In abscondito, deveria ter sido. Aparece uma senhora «da nossa melhor sociedade» — como dizem os periódicos — muito importante, recamada de jóias e na flor do rosto um sinal... Fraco sinal! No repartir, marca distâncias sem dar por ela, tal a íntima convicção da sua altura — pedestais de barro. Cristo Jesus não distribuiu assim o pão. Nem é mãe de Pobres, aquela senhora. De que vale a riqueza sem nobreza?

MAIS: Naquelas mesmas termas onde não querem receber este pobre de Cristo, aparece o comunicado da festa solene, à qual presidiu a senhora dona fulana e fez música a senhora dona sicrana e a beltrana cautou o fado. Um mimo! O Pobre esfrega as mãos de contente, que a festa é toda a favor deles, coitadinhos. Tu dás palmas. O Mundo arde.

HISTÓRIA ou fantasia, todos nós conhecemos um quadro de Nero a cantar o incêndio de Roma que ele mesmo lançou. Ai Mundo que botas fogo ao Mundo a cantar e a dançar! Ai dos que agora riem, que depois hão-de chorar — grito da Eternidade! Como haviam de viver diferentemente se pudessem voltar à vida mortal os que morrem! «Pai deixa-me ir avisar os meus irmãos», dizia o avarento da parábola. Senhor do Céu, que eu caminhe sempre por vias ásperas e de alma alanceada pela sorte dos meus Irmãos.

Amém!

(Do livro Pão dos Pobres — 4.º vol. — Campanha de 1943 a 1944)

ENCONTROS em Lisboa

Ano Santo

SEMPRE me surpreendeu a frase do Livro do Deuterónimo: «O Senhor, teu Deus, suscitará no meio de vós, dentre os teus irmãos, um profeta como eu; a ele debes escutar». Todo o desenrolar da História da Salvação assenta nesta forma de Deus caminhar com os homens, suscitando profetas do meio do povo, do meio dos irmãos, deixando-nos sempre a liberdade de aceitarmos ou não o convite que nos é feito. É uma prova de confiança que Deus tem no homem e, ao mesmo tempo, o querer associar-nos ao Seu projecto salvífico. Se é perturbador pensarmos que as coisas não avançam porque não nos dispomos a escutar, é consolador percebermos a grandeza dos nossos actos quando somos capazes de dizer sim a Deus e aos homens.

Estamos já lançados em pleno Ano Jubilar. É um ano

de Graça que o Senhor nos deu. Começaram as grandes movimentações e as grandes celebrações capazes de marcar o nosso imaginário, recordando que se esteve ou não se esteve presente, que se viu ou não viu.

Nestes acontecimentos dos homens e da Graça existe sempre a superficialidade das coisas, o que é visível, mas existe também a sua interioridade, aquilo que se passa no coração e que só o próprio e Deus podem perceber.

Quando, pela primeira vez, vi o carimbo da Casa do Gaiato, quase me arrepiei. É que, para além do nome e morada da Casa, o dito carimbo tem uma frase que reza assim: *Santuário de Almas*. Indaguei e disse-ram-me que foi mesmo assim que Pai Américo quis. Não me vou alongar na teologia deste dado, veio-me à memória precisa-

mente por causa do Ano Santo.

É vasto o campo em que o Ano Santo quer deixar marcas, começando na conversão da vida pessoal, até ao pedido de perdão da dívida externa dos países pobres, passando por todos os actos que, na linguagem tradicional da Igreja, se chamam as Obras de Misericórdia.

O nosso mundo é um vasto campo ou, numa linguagem mais evangélica, uma grande seara a precisar de trabalhadores. Se Padre Américo chama a uma Casa do Gaiato um Santuário de Almas, poderíamos estender este conceito a todo o lugar onde se encontra alguém a precisar de um apoio, de uma palavra de esperança, de uma vida que se dê. Naturalmente que será no interior das comunidades cristãs que preferencialmente o Espírito de Deus chamará, suscitando profe-

tas de entre os irmãos para conduzir e acudir às necessidades sentidas.

Esperemos que este Ano Santo possa ser um despertar de muitas vocações para o serviço dos irmãos. Estou em crer que Deus não faltará. Entretanto, temos que contar com a disponibilidade dos corações humanos para embarcarem na aventura de seguirem o Crucificado e Ressuscitado, que não tinha onde reclinar a cabeça, mas, que, com a Sua palavra e a Sua vida, criou no coração humano a festa da alegria e da esperança.

Natal

Passou o tempo do Natal. Vivemos o Nascimento do Senhor, este Dom do Amor de Deus para conosco. Fizemos a festa, foi a alegria, foi a oração e o recolhimento. Foram também as abundantes ofertas dos Amigos que não deixaram que algo nos faltasse. Só temos graças a dar a Deus. A todos os que estiveram conosco dizemos muito obrigado e contamos sempre convosco.

Padre Manuel Cristóvão



Em pequenino, o Melo gostava de amimar os animais.

O Melo

A Irmã Morte fez-nos a semana passada, no dia 14 de Janeiro, uma surpreendente visita. Veio buscar o Armínio que, desde pequenino, dos três anos de idade, cresceu em nossa Obra com o apelido de Melo. Era, actualmente, o senhor Melo.

A morte é sempre uma surpresa, dando razão ao ditado popular «enquanto há vida há esperança».

Dois anos de prolongado sofrimento levaram-nos a seis intervenções cirúrgicas no Hospital dos Capuchos, em Lisboa. A morte fez-se anunciar neste período de tempo, mas nunca acreditei que fosse verdadeiro o seu vaticínio.

O *Poverello* de Assis chama-lhe Irmã e não inimiga. Ele intuiu que a morte natural é uma recriação para a vida e uma libertação do sofrimento e do pecado para a vida com Deus na glória da Ressurreição. Prefere, por isso, denominá-la carinhosamente de Irmã. Também gosto mais deste adjectivo.

O Melo cresceu na maravilhosa natureza que envolve Paço de Sousa e, em pequenino, apascentava as galinhas manifestando por estas aves um cuidado especial.

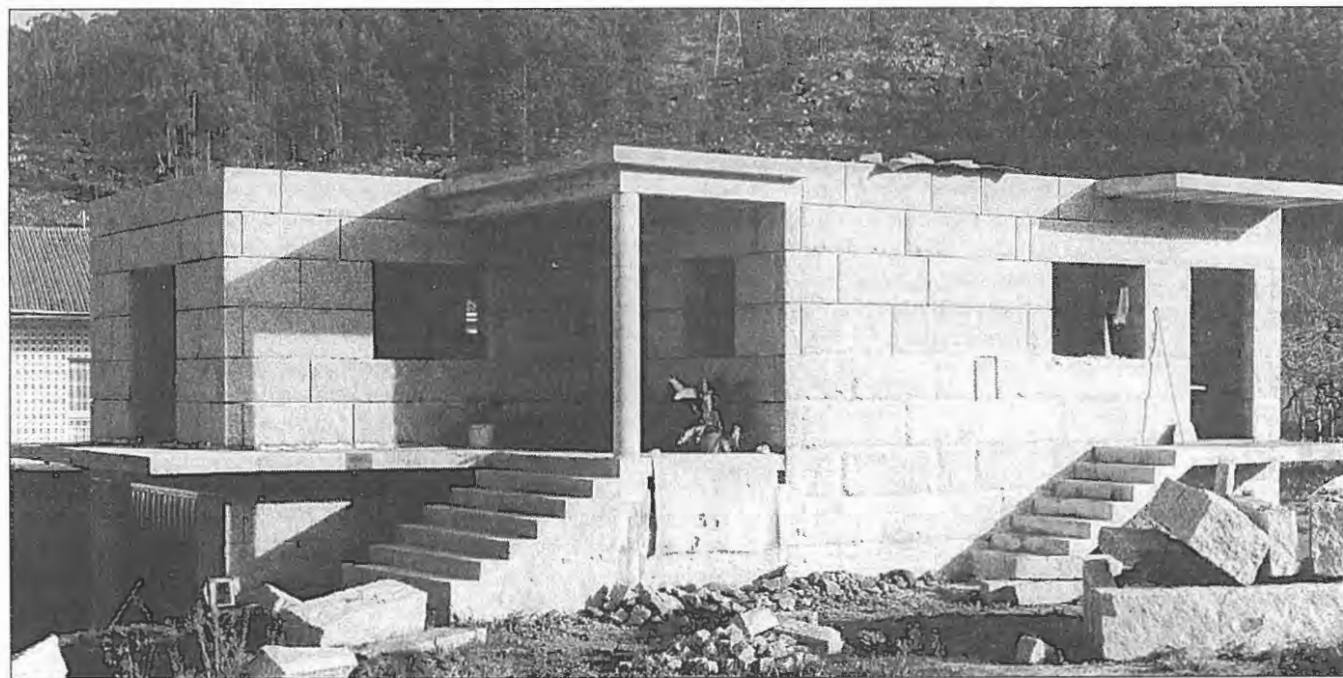
O Padre Américo falou deste desvelo num escrito muito engraçado que então publicou n'O GAIATO.

No princípio da sua juventude respondeu favoravelmente ao convite de Padre Manuel António para o acompanhar no lançamento da Casa do Gaiato de Benguela. Lá se deu, longos anos, ajudando-o a construir a Aldeia dos Rapazes nas areias do Cavaco e sendo um robusto auxiliar. Lá casou e gerou dois filhos, uma menina e um menino que, com os pais, foram obrigados a deixar Angola e a regressar a Portugal por causa da perseguição desencadeada aos portugueses, pelos arautos da Libertação.

A Casa do Gaiato de Setúbal foi o ninho onde se acolheu para continuar a sua missão de colaborador. Com sua esposa D. Albertina (entre nós é a Tina). Na direcção das oficinas encontrei no casal um apoio responsável, empenhado e cooperante. Muitos dias, nos períodos mais perturbados, o Melo já estava no Lar de Setúbal, estimulando os rapazes com a sua presença logo de manhãzinha, fora de qualquer horário de trabalho.

No Céu, na Plenitude da Vida, encontrei, Melo, o pago que ninguém pode dar. Aguarda-nos. Até breve!

Padre Acílio



Pai Américo era um apaixonado por construções de granito

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Esforço heróico para ter casa própria

EM MUITAS regiões, várias paróquias receberam ajudas de Pai Américo para habitação de suas famílias mais pobres e os respectivos párocos ficaram sempre com esperança na colaboração da Obra da Rua — Património dos Pobres.

«Venho pedir uma ajuda para a casa que um casal, meu paroquiano, anda a construir. Ambos têm enfrentado sérios problemas, não só com falta de recursos materiais, mas também a pouca saúde da esposa e do marido e de uma filha de tenros anos.

Qualquer subsídio viria aliviar os seus problemas financeiros e estabilizar um pouco os seus princípios de vida matrimonial.»

Como sempre que é possível, fomos ver esta aflição. Estava só o marido e começou por nos mostrar a cicatriz da operação a que se sujeitou, há um mês, e logo desabafou:

«Quando construímos a nossa casa a vida era diferente. Depois, veio a doença de

minha mulher e de minha filhinha e, agora, também a minha. Tivemos de parar e estamos à espera. Contratámos um empréstimo à Caixa e todos os meses temos de pagar o juro. É mais uma aflição.»

Procurámos animá-lo e prometemos a nossa ajuda.

«EU, PÁROCO desta freguesia, confirmo o pedido dos meus paroquianos e seus quatro filhos, para o telhado da casa que estão a construir nesta freguesia.»

«Venho pedir uma esmola para ajudar a pôr o telhado em nossa casa. Eu, a minha mulher e as nossas quatro filhas todas na escola.

Vivemos em casa dos meus sogros, há dezassete anos, dia do nosso casamento. A que estamos a construir é perto daqui.»

Era sábado e fomos encontrar o casal a preparar o acesso à futura moradia. Mesmo sem

telhado, esperavam lá ir passar o Natal. Compraram o terreno, há nove anos, e só o ano passado ergueram as paredes e tiveram de parar. Elas são de granito, aparelhado, próprio da região. Depois de prontas, ficarão um encanto.

O homem trabalha nas obras e tem de governar a família com o pobre salário. Vivem na casa dos sogros, e outro filho casado também. «É uma casa pequenina e vivemos lá todos muito apertadinhos.»

Ficámos maravilhados com a simpatia do casal e também com o edifício que, depois de pronto, ficará um encanto, naquele lugar, feito de granito aparelhado. Estas moradias, assim construídas, têm uma encantadora beleza natural.

Dá pena que as habitações, em zonas onde abunda o granito, não sejam deste material. Pai Américo era um apaixonado por tais construções. Sempre que podia, não queria outro material. A nossa Aldeia de Paço de Sousa é testemunho desta paixão.

Padre Horácio

PENSAMENTO

O Evangelho não tem frases: é Vida. Ai que se a tua fé fosse ao menos do tamanho de um grão de mostarda, havias de acreditar n'Ele!

PAI AMÉRICO